

NOTA

# II CONGRESSO BRASILEIRO DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

“Soberania e ciência no século XXI: a  
decolonialidade do saber como novo  
paradigma geográfico?”

24 a 28 de março de 2019

por José Renato Ribeiro  
Marina Gama Dioto  
Beatriz Magalhães Santos<sup>1</sup>

A presente nota busca registrar as impressões obtidas com a realização do II Congresso Brasileiro de Organização do Espaço (CBOE) e XIV Seminário de Pós-Graduação em Geografia, realizado pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na cidade de Rio Claro, entre os dias 24 e 28 de março de 2019. Consideramos o evento uma importante reunião científica realizada no campo geográfico, inaugurando com maestria a série de eventos que ocorreriam no decorrer do ano, oferecendo à comunidade científica um espaço profícuo de discussão e reflexão, num contexto brasileiro e latino-americano caracterizado por um processo de retrocesso civilizatório.

\* \* \*

1 Integrantes da Comissão Organizadora do II Congresso Brasileiro de Organização do Espaço e XIV Seminário de Pós-Graduação em Geografia. Demais integrantes Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Andreia Medinilha Pancher, Prof. Dr. Paulo Roberto Teixeira de Godoy, Prof. Dr. Samuel Frederico, Francielly Naves Fagundes, Patrícia da Cruz Oliveira, Rogério Gerolineto Fonseca, Thiago Bueno Saab, Amanda Gadotti, Bruna Henrique Albuquerque, Cecy Meira Rosa de Souza, Estêvão Botura Stefanuto, Gabriel Pinto de Bairro, João Francisco Ferreira Sobreiro, Yuri Martenauer Saweljew, abriel Sobreira Gomes da Silva, José Vitor Rossi Souza e Renan Yamasaki Veiga de Barros.

Buscando manter o pioneirismo da Geografia da UNESP de Rio Claro, foi realizado, entre os dias 24 e 28 de março de 2019, o II Congresso Brasileiro de Organização do Espaço (CBOE), conjuntamente ao XIV Seminário da Pós-Graduação em Geografia, tendo como tema a seguinte pergunta: “Soberania e Ciência no século XXI: a decolonialidade do saber como novo paradigma geográfico?”.

O CBOE ofereceu à comunidade científica brasileira uma oportunidade de se construir um espaço propício para o debate sobre um tema relativamente novo na Geografia, sendo foco de estudos no campo das ciências sociais desde os anos de 1940, ainda com o Pós-colonialismo na Europa e chegando à América Latina na década de 1990, tendo como marco a reimpressão de “Colonialidad y modernidad-racionalidad” de Aníbal Quijano. Com isso, a decolonialidade, enquanto pensamento que questiona o universalismo etnocêntrico e o eurocentrismo teórico muito presente ainda no *mainstream* das ciências sociais, foi o tema central do evento.

A escolha do tema não foi por acaso, considerando a ebulição social registrada no Brasil e nos países latino-americanos nos últimos anos, marcados por um avanço de políticas conservadoras no campo social, político e econômico, afastando a possibilidade de um aprofundamento de relações de integração regional. Dito isso, ao nos atentarmos a realidade brasileira, o descumprimento dos princípios democráticos, o atentado aos direitos básicos e ainda frágeis para a sobrevivência dos povos indígenas, a questão da mulher, da educação e da cultura, bem como o esfacelamento do patrimônio público e a submissão geopolítica ao imperialismo, evidenciam uma crise política, econômica e institucional a qual o país enfrenta.

O evento, ao oferecer o tema central eivado com a problemática estruturada no contexto político brasileiro e latino-americano, colocou a Geografia como um conhecimento fundamental na compreensão de tal contexto. Podemos observar que a escolha das atividades, dos temas e dos convidados objetivaram oferecer um ambiente de intensa reflexão em torno das questões que tangem a Geografia, especialmente aquelas que envolvem a construção de um território soberano e de um pensamento com efetiva autonomia e o avanço de uma sociedade mais humana e justa.

O evento foi iniciado no dia 24 de março com a conferência de abertura intitulada “A decolonialidade do saber como novo paradigma geográfico?”, proferida pelo Professor Carlos Walter Porto-Gonçalves (UFF). A fala do convidado foi precedida pelas problematizações apresentadas pelo Professor Paulo Roberto

Teixeira de Godoy (UNESP Rio Claro). Na conferência, a afirmação do convidado, “Nossa luta é epistêmica e política”, incitou a reflexão dos presentes, levando os participantes a refletirem sobre o papel da ciência, da Geografia, do atual contexto político-econômico e, claro, o papel da própria instituição universitária.

No segundo dia de evento se iniciaram as seções de apresentação de trabalhos e as mesas-redondas. A primeira mesa foi mediada pela professora Luciene Cristina Risso (UNESP – Ourinhos), tinha o tema “As geografias subversivas: por uma releitura do espaço” e contou com as contribuições das professoras Amélia Regina Batista Nogueira (UFAM), Aureanice de Mello Corrêa (UERJ) e Joseli Maria Silva (UEPG). Com essa mesa redonda, que abriu a série de outras que compunham o evento, foi oferecida uma discussão acerca da abordagem humanista e fenomenológica sobre o “lugar”, trazendo a tona temas ou recortes de realidades específicas que são marginalizadas pelos outros campos da Geografia.

O CBOE também propiciou um debate mais ligado à questão do desenvolvimento econômico brasileiro, tendo a professora Silvia Selingardi-Sampaio (UNESP Rio Claro) como mediadora das reflexões apresentadas pelas professoras Eliane Tomiasi Paulino (UEL – PR) e Lisandra Lamoso (UFGD – MS), além do Professor Elson Luciano Silva Pires (UNESP – Rio Claro). Nessa atividade foram tocados temas sensíveis da história do desenvolvimento econômico brasileiro, como a posição do país no mercado internacional pautada na comercialização de *commodities*, a questão da importância estratégica da indústria e dos malefícios do processo de desindustrialização, bem como a necessidade de se consolidar uma política de Estado voltada ao desenvolvimento regional.

A mesa redonda intitulada “Para onde vai o ensino de Geografia? Reflexões acerca da Base nacional Comum Curricular (BNCC)” foi mediada pelo professor José Gilberto de Souza (UNESP – Rio Claro), que recebeu a professora Angela Katuta (UFPR) e o Professor Eduardo Donizetti Giroto (USP). Ao abordarem o tema da educação, os convidados trouxeram uma discussão do currículo como um campo de disputa e que pode ser pensado, inclusive, como território.

Considerando a diversidade de temas abordados pela Geografia, a mesa “Caminhos inovadores na ciência geográfica: a inserção da geografia brasileira na análise dos sistemas terrestres”, mediada pela professora Andreia Medinilha Pancher (UNESP – Rio Claro), recebeu as professoras Ana Clara Mourão Moura (UFMG) e Professora Rosemary Vieira (UFF). Nessa atividade, além de exporem o uso e a importância de tecnologias nos estudos geográficos, como o SIG, as convidadas apresentaram uma discussão sobre a fronteira do conhecimento

geográfico aplicado em diferentes ambientes terrestres, através de análises de especificidades antrópicas e do funcionamento do sistema físico terrestre.

Coube à mesa redonda “Cidades, utopismos patrimoniais e a integração latino-americana”, sob a mediação da Bernadete Aparecida de Castro (UNESP – Rio Claro), realizar o encontro entre a professora Maria Adélia Aparecida de Souza (USP) e o professor Everaldo Batista da Costa (UnB), que então debateram o conceito de “patrimônio”. A partir de entendimentos conflitantes, os convidados expuseram as suas reflexões e pesquisas relativas ao tema proposto com base na escala latino-americana. As discussões conceituais foram importantes para o debate de patrimônio na Geografia, destacando o conceito de patrimônio-territorial.

A sexta mesa, que tinha como título “Cartografia escolar e inclusiva no contexto social, histórico e político brasileiro”, foi mediada pela Professora Maria Isabel Catreguini de Freitas (UNESP – Rio Claro) e contou com as contribuições das Professoras Miriam Aparecida Bueno (UFG) e Regina Araújo de Almeida (USP). As convidadas buscaram abordar assuntos e temas emergentes sobre a temática proposta na tentativa de ampliar a ideia da inclusão dentro do contexto da cartografia escolar, explorando alguns trabalhos desenvolvidos na área. A iniciativa para tal mesa surgiu a partir da proposta de aprimorar desde as pesquisas focadas em propostas inovadoras e técnicas de aprendizagem de cartográfica até o desenvolvimento de práticas cotidianas que pudessem contribuir para o crescimento e aperfeiçoamento dos participantes.

Na mesa “Epistemologia e Autonomia da Geografia Brasileira aplicada a análise das dinâmicas da paisagem”, a professora Genira Maria Lupinacci (UNESP – Rio Claro) recebeu a professora Dirce Suertegaray (UFRGS) e o professor Antônio Carlos Vitte (UNICAMP). Ao propiciarem um debate ao público, os professores na realidade realizaram uma profícua aula. Ao acompanhar a discussão durante todo o evento, a professora deixou alguns questionamentos no sentido de analisar o desafio de constituir uma análise decolonial da paisagem, uma vez que temos nossos entendimentos arraigados em uma concepção europeizada da relação ser humano e natureza.

Por fim, a última mesa-redonda teve um forte teor político, buscando marcar a posição do evento perante o contexto político e reconhecendo a importância da Universidade como espaço do debate público. Intitulada “Marielle Franco: Democracia, Direitos Humanos e Resistência Popular no Brasil”, a mesa de encerramento foi mediada pela professora Ms<sup>a</sup> Elaine Aparecida Ramos (UNESP – Rio Claro) e contou com as contribuições da professora Catia Antonia da Silva

(UERJ), da assistente social Izabel Cristina Rezende (CONERC) e da pedagoga e líder quilombola Nilce de Pontes Pereira dos Santos. Uma mesa-redonda em homenagem à Marielle Franco, vereadora negra e LGBT, assassinada na cidade do Rio de Janeiro em 2018, e que buscou defender a democracia, os direitos humanos e a resistência popular, contando com as contribuições de mulheres negras; fechou com simbolismo o evento que não poderia se furtar de oferecer uma mesa com tal tema como encerramento.

Além das mesas redondas, o evento contou com 13 Grupos de Trabalhos que abordaram a variedade de campos e temas estudados pela Geografia. Os GTs foram organizados de acordo com as linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Geografia. No Eixo 1 – Dinâmicas da Paisagem e Análise Socioambiental, foram oferecidos quatro GTs: GT 1 – Uso e conservação de recursos hídricos e processos hidroclimáticos; GT 2 – Processos e dinâmicas da paisagem: interações naturais e antrópicas; GT 3 – Geodiversidade e conservação do patrimônio pedogeomorfológico e biogeográfico; GT 4 – Política, Planejamento e Meio Ambiente: Escalas e Dimensões. No Eixo 2 – Ensino de Geografia e Cartografia Escolar, foram três temas: GT 5 – Políticas educacionais e Currículo; GT 6 – Dispositivos didáticos, práticas pedagógicas e formação docente; GT 7 – Cartografia e Cartografia escolar. Já no Eixo 3 – Territórios, Mutações Econômicas e Políticas Públicas, foram apresentados trabalhos em seis GTs diferentes: GT 8 – Dinâmicas e Processos Sociais e Espaciais Urbanos; GT 9 – Geografia Agrária; GT 10 – Geografia Cultural e Marginais; GT 11 – Geografia Política e Geopolítica; GT 12 – Geografia Econômica e Industrial; GT 13 – Epistemologia da Geografia, História da Geografia e Cartografia Histórica.

De 147 trabalhos aptos a apresentação, 98 foram devidamente apresentados, 133 estão disponíveis nos Anais do evento e outros 14 foram selecionados para publicação nos periódicos Estudos Geográficos (UNESP – Rio Claro) e Boletim Campineiro de Geografia (AGB – Campinas), alguns deles compondo o presente número deste periódico. Considerando a amplitude nacional, foram recebidos trabalhos de todas as regiões do Brasil, com destaque para as regiões Sudeste e Centro-Oeste.

Os GTs foram espaços de contribuição e aprofundamento teórico para os presentes, sejam eles autores ou ouvintes, através da partilha de experiências profissionais, interação entre profissionais de diversas áreas do conhecimento além da Geografia, amplitude temática e diversidade de origem dos autores/pesquisadores nos estados do Brasil. Reconhecendo a importância de

envolver diferentes instituições na construção do evento, o CBOE contou com 66 doutores e 3 mestres compondo o comitê científico, estando distribuídos em 16 estados das 5 grandes regiões do país, além da contribuição de uma avaliadora mexicana.

Por fim, as Excursões Didáticas também fizeram parte das atividades do evento. Ao oferecer a realização de Trabalhos de Campo, o evento reconhece esse instrumento didático como ferramenta essencial na Geografia. Na Excursão Didática “A Dinâmica da Natureza e o Urbano: Uma análise Antropogeomorfológica do Sítio Urbano de Rio Claro (SP)”, a professora Cenira Maria Lupinacci ofereceu essa atividade tendo como objetivo discutir situações práticas que refletem a problemática do processo de urbanização sobre o relevo. A Excursão “A (Re)Produção do Espaço Urbano Capitalista e Suas Formas de Segregação Socioespacial: O Caso de Rio Claro –SP”, oferecida pelo acadêmico Wesley Alves Messias (PPG-Geografia Humana – USP) e pela professora Andréia Medinilha Panher (UNESP – Rio Claro), propôs contribuir com uma visão crítica sobre a (re)produção do espaço urbano, buscando compreender a segregação socioespacial, tendo como recorte a cidade de Rio Claro.

Com isso, reconhecemos que apesar de estar em sua segunda edição, o CBOE e o Seminário do PPG – no caso em sua 14ª edição – tem ganhado visibilidade nacional, se consolidando como um importante evento oferecido pela Geografia da Unesp de Rio Claro à comunidade científica brasileira. Essa importância se deve ao reconhecimento do curso de graduação e pós-graduação em Geografia, um dos mais tradicionais do país, bem como ao pioneirismo da UNESP de Rio Claro no oferecimento de eventos nacionais. Por fim, a terceira edição do evento, prevista para 2021, já está em discussão.

\* \* \*

 **BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>